

Guirlandas, antologias, florilégios: o direito autoral como princípio organizador de antologias de prosa brasileira em inglês¹

Garlands, anthologies, florilegia: copyright law as the organizing principle of anthologies of Brazilian prose in English

Lenita Maria Rimoli Esteves*

RESUMO: Vários princípios organizadores podem ser adotados quando se compõe uma antologia, e entre os mais comuns estão os cronológicos e os temáticos. Depois de investigar as origens do conceito de antologia, este trabalho analisa antologias de prosa brasileira traduzida para o inglês de um ponto de vista incomum: o do direito autoral.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira em inglês. Antologias. Direitos autorais. Meleagro de Gádara.

ABSTRACT: There may be several organizing principles when one composes an anthology, and among the most common are the chronological and the thematic ones. After investigating the origins of the concept of anthology, this paper analyses anthologies of Brazilian prose in English from a different point of view: that of the copyright law.

KEYWORDS: Brazilian literature in English. Anthologies. Copyright law. Meleager of Gadara.

1. Introdução

Este texto é parte de um projeto de pesquisa iniciado em 2013, que investiga o processo de publicação da literatura brasileira no mundo de língua inglesa, levando em conta fatores políticos, econômicos e ideológicos, entre outros. Num estudo anterior (ESTEVEES, 2017), foi feito um amplo levantamento de antologias de prosa brasileira publicadas em inglês. O *corpus* abrangia desde a primeira obra, publicada em 1921 e organizada por Isaac Goldberg nos Estados Unidos, até *Other Carnivals*, coleção de 12 contos organizada e traduzida por Ángel Gurría-Quintana em 2013. No total foram analisadas 13 antologias, entre as quais a *Machado de Assis Magazine*,² que conta com sete volumes. As obras foram divididas em grupos de acordo com sua organização e público almejado, e o resultado dessa divisão foram os seguintes grupos: antologias-vitrine (correspondendo a quatro obras), antologias universitárias (quatro

¹ Este trabalho deriva de uma conferência realizada durante o XII Encontro Nacional de Tradutores e VI Encontro Internacional de Tradutores, na Universidade Federal de Uberlândia, entre 20 e 23 de setembro de 2016.

* Professora de teoria e prática de tradução, em níveis de graduação e pós-graduação, junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

² Como é uma coleção, a *Machado de Assis Magazine* foi contada como apenas uma antologia na análise.

obras) e antologias temáticas (cinco obras). Na maioria das vezes, essas antologias foram organizadas cronologicamente, iniciando-se com as obras mais antigas e terminando com as mais recentes. Mas essa não é a única possibilidade. Antologias de viés temático contemplavam, por exemplo, a literatura feminina³, a literatura urbana⁴ ou, ainda, o amor⁵.

Durante o estudo de cada uma dessas antologias, levantou-se uma questão de fundo: o problema dos direitos autorais de autores e tradutores. Cada época reflete atitudes e comportamentos específicos quanto a essa problemática: em períodos mais remotos, o direito autoral, mesmo o do escritor, não parecia ser um empecilho à publicação de sua obra; à medida que avançamos no tempo, podemos detectar, cada vez com mais clareza, o direito autoral como fator determinante nas escolhas feitas pelos antologistas.

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a questão do direito autoral à luz da composição e publicação de antologias de prosa brasileira em inglês, com o objetivo principal de ter um quadro de como os agentes desse processo (editores, autores, tradutores, mediadores culturais) lidaram e lidam com a questão na tarefa de disseminação da literatura brasileira no exterior.

2. Antologia: como tudo começou

O termo “antologia” (em grego *ανθολογία*), significa “coleção de flores” ou “ramalhete de flores”. O equivalente latino é o termo *florilegium*, que tem o mesmo significado. Outro termo relacionado é “guirlanda”, que tem sentido bem semelhante. Aliás, “guirlanda” (em grego *Στέφανος*) é o nome de uma das primeiras antologias de que se tem registro, composta pelo poeta grego Meleagro e datada do século I a.C. Embora Meleagro não tenha inventado a categoria “antologia”, ele englobou na sua obra todas as técnicas de arranjo e coleção que eram empregadas em sua época. Isso, ligado ao fato de ele ter sido explicitamente emulado por Filipe de Tessalônica em sua obra também intitulada *Guirlanda* e datada do século I d.C., confere a Meleagro grande mérito (AMARAL, 2009, p. 26; CUDDON, 1992, p. 45).

A *Guirlanda* de Meleagro é composta por epigramas, que são breves textos espirituosos escritos em verso ou em prosa e que podem ser elogiosos, satíricos ou aforísticos (AMARAL, 2009, p. 14-17; CUDDON, 1992, p. 295). No epigrama introdutório, chamado “Proêmio”,

³ *One Hundred Years After Tomorrow: Brazilian Women’s Fiction in the 20th Century*, organizada Darlene Sadlier, 1992.

⁴ *Urban Voices: Contemporary Brazilian Short Stories from Brazil*, organizada por Cristina Ferreira-Pinto, 1999.

⁵ *Love Stories*, organizada por Edla Van Steen, 1978.

Meleagro atribui a cada autor presente na coleção um nome de flor, e a metáfora da guirlanda que ele compõe vai sendo urdida juntamente com a antologia. Segundo Carlos A. Martins de Jesus: “Todo o epigrama de abertura é construído sob a imagem de uma grinalda de flores/ poetas (ὕμνοθετᾶν στέφανον, v. 2) que vai sendo entrelaçada (τεύξας, v. 2) por esse poeta-editor, como alegoricamente esclarece a Musa no verso 313” (JESUS, 2016, p. 176).

Observe-se este trecho na tradução de Carlos de Jesus:

– Musa amada: a quem levas este canto viçoso?
Que homem teceu semelhante grinalda de poetas?
– Foi Meleagro quem a fez, e para o ilustre Diocles
levou a bom porto esta oferenda da memória.
Entrelaçou muitas açucenas de Anite, e de Mero muitos
lírios; de Safo, um punhado apenas – mas de rosas;
o narciso, fertilizado pelos hinos de Melanípides,
e a videira fresca da vinha de Simónides; [...] (JESUS, 2016, p. 180-181).

Nota-se, portanto, que a cada poeta escolhido corresponde uma flor que comporá a guirlanda. Nos dias atuais, provavelmente as pessoas não façam mais essa associação de antologia com arranjo de flores, mesmo que estejam familiarizadas com o conceito de antologia. Perdeu-se a conscientização sobre a metáfora do ramalhete, embora permaneça a ideia de que uma antologia é uma reunião do que, na opinião do antologista, existe de melhor em determinada época, ou gênero literário, ou país/cultura.

Antologias vêm sendo publicadas ao longo dos séculos com o principal objetivo de colocar em realce um determinado grupo de obras literárias. O que não mudou em todo esse tempo foi a dimensão criativa das antologias: ao escolher as obras e dispô-las em sua guirlanda, o antologista de certa forma as altera, colocando-as em contato umas com as outras da sua maneira específica. A *Guirlanda* de Meleagro leva, até hoje, seu nome, indicando justamente essa dimensão criativa, sua autoria, conceito que será discutido na próxima seção.

3. Da autoria do antologista

Como acabou de ser sugerido, o arranjo das obras em uma antologia presume uma criação autoral, já que, dispostas como estão na antologia, elas sofreram alterações não necessariamente em si mesmas, mas naquilo que as dispõem de uma forma nova, em contato inédito com outras obras. Assim, o trabalho do antologista tem uma natureza autoral, que é

reconhecida pela Lei de Direitos Autorais n. 9610 de 1998. O artigo 7º, em que a lei define quais são as obras intelectuais protegidas, podemos ler, no Inciso XIII, a seguinte definição:

XIII - as coletâneas ou compilações, antologias, enciclopédias, dicionários, bases de dados e outras obras, que, por sua seleção, organização ou disposição de seu conteúdo, constituam uma criação intelectual.

Logo em seguida, há três especificações quanto ao inciso XIII, das quais duas nos interessam. No parágrafo 2º, o texto diz que a proteção se aplica àquele conjunto, mas não aos elementos que o compõem, ou seja, cada texto escolhido para compor a antologia está protegido por direitos de autor se ainda não tiver caído em domínio público. Em seguida, o parágrafo 3º esclarece que, no campo das ciências, a proteção recairá sobre as obras artísticas, não as científicas:

§ 2º A proteção concedida no inciso XIII não abarca os dados ou materiais em si mesmos e se entende sem prejuízo de quaisquer direitos autorais que subsistam a respeito dos dados ou materiais contidos nas obras.

§ 3º No domínio das ciências, a proteção recairá sobre a forma literária ou artística, não abrangendo o seu conteúdo científico ou técnico, sem prejuízo dos direitos que protegem os demais campos da propriedade imaterial.

Ou seja, quando se entrelaça uma antologia de obras ou excertos de obras literárias, cria-se também o entrelaçamento, às vezes complexo, de uma série de direitos autorais. Por exemplo, se uma obra escolhida para a antologia não está ainda em domínio público, o antologista deverá buscar a permissão do autor para publicá-la. Além disso, se essa obra for traduzida (o que é o caso das antologias aqui analisadas), o antologista deverá assegurar a permissão do tradutor da obra literária, que tem direitos autorais sobre ela. Nesse caso, o tradutor já terá, por sua vez, obtido a autorização do autor para realizar a tradução.

No caso específico do antologista, sua obra está protegida no seguinte sentido: se uma segunda pessoa fizer outra antologia que se assemelhe de forma substancial à sua, essa segunda pessoa estará incorrendo em plágio. Ou seja, como já foi dito acima, o direito de autor do antologista não é sobre as obras que ele escolheu, mas sobre o modo como as arranjou em sua guirlanda.

Voltemos mais uma vez a Meleagro e sua antologia: os estudiosos de textos clássicos convergem ao afirmar que ele deu uma conformação muito especial, muito autoral à sua obra.

Por exemplo, Meleagro não ordenou os epigramas na *Guirlanda* seguindo a ordem alfabética, como outros fizeram. O entrelaçamento dos seus epigramas era temático. Como nos esclarece Flávia Vasconcellos Amaral: “Segundo Gutzwiller [...], Meleagro usava epigramas de um ou dois poetas como base e a eles agrupava outros do mesmo tema ou similar a este. Desse modo, o fio condutor para os epigramas era temático ou lexical” (AMARAL, 2009, p. 26).

No seu design poético de enredamento, Meleagro entrelaçou autor com autor como planta com planta de tal forma que ele efetivamente apagou todos os traços dos princípios da ordem da estruturação das coleções que foram suas fontes. (GUTZWILLER apud AMARAL, 2009, p. 26).

Carlos de Jesus parece ir na mesma linha quando comenta o “Proêmio”, epigrama de abertura da *Guirlanda*:

ao longo do epigrama vamos encontrando uma série de formas verbais cuja função, além de quebrar o que facilmente seria uma enumeração monótona de poetas e respectivas flores, consiste em relembrar a metáfora iterativa de todo o poema, esse constante entrelaçar de flores (ἄνθη λέγειν) simbólico: e.g. τεύξας (v. 2), ἐμπλέξας (v. 5), πλέξας (v. 9), σύμπλεκτον (v. 18), ἐνέπλεκε (v. 20). (JESUS, 2016, p. 177).

Partimos então desse princípio para refletir sobre antologias: a ação de escolher e dispor as obras em um determinado arranjo é uma criação autoral, e já o era desde a época de Meleagro. O que ocorre é que, na época dele, o próprio conceito de autoria ainda não fora bem estabelecido. Esse conceito, que a princípio se aplicava apenas aos escritores de obras literárias, nos dias atuais também se aplica aos antologistas, e agora vamos nos voltar à composição de antologias na época contemporânea, especificamente à composição de antologias de prosa brasileira traduzida para o inglês. Temos aí envolvidos três “níveis” de direito autoral: o do autor, o do tradutor e o do antologista. Será possível perceber que o conceito de autoria vem ganhando força para essas categorias antes ignoradas, e que essa força acaba influenciando a própria confecção das antologias.

4. Algumas antologias significativas para a questão dos direitos autorais

4.1. Goldberg: a primeira antologia, publicada em 1921

Começando pelo início, vamos examinar as características da primeira antologia de prosa brasileira em inglês, organizada por Isaac Goldberg. O antologista escolheu quatro

autores: Machado de Assis, José Medeiros e Albuquerque, Carmen Dolores (pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo) e Coelho Neto. Machado e Carmen Dolores já haviam falecido à época da publicação do livro, ao passo que Coelho Neto e José Medeiros e Albuquerque ainda estavam vivos, vindo ambos a morrer em 1934. Machado vem representado por três contos, a saber “The Attendant’s Confession” (“O enfermeiro”), “The Fortune-Teller” (“A Cartomante”), e “Life” (“Viver!”). Os outros três autores só têm um conto cada um. José Medeiros e Albuquerque é o autor de “The Vengeance of Felix”, (“A Vingança de Félix”?)⁶, Coelho Neto está representado por “The Pidgeons” (“Os Pombos”); e Carmen Dolores com “Aunt Zezé’s Tears” (“As Lágrimas da Tia Zezé”).

No prefácio, Goldberg (1921, p. 40) esclarece que alguns dos contos da antologia já haviam sido publicados antes, especificamente em dois periódicos: *The Stratford Journal* e *Boston Evening Transcript*.⁷ Este último foi um jornal diário que circulou entre 1830 e 1941. Era um jornal de variedades com forte componente literário. Vários escritores significativos estrearam suas obras no *Transcript*. O periódico também publicava uma boa quantidade de crítica literária e musical (BOSTON EVENING TRANSCRIPT). Nesse periódico a busca fica inviabilizada, porque apenas alguns números estão disponíveis na Internet, além do fato de o jornal ser diário e ter tido uma existência muito longa.

The Stratford Journal foi um periódico que circulou entre 1616 e 1620,⁸ tendo como editores Isaac Goldberg e Henry Schnittkind. Esse segundo jornal tinha uma vocação de internacionalização muito forte, que fica clara nesta espécie de declaração de princípios que encontramos no volume VI, número 1 da publicação:

A única política fixa do *The Stratford Journal* é esforçar-se para publicar o melhor da literatura estrangeira e nacional. Ele não está vinculado a nenhuma moda ou culto, e não é comprometido com nenhuma “logia” ou “ismo”.

⁶ Não foi possível apurar qual é o título dessa obra em português. O que se esperaria é que houvesse um conto intitulado “A vingança de Félix” de autoria de Medeiros e Albuquerque. Entretanto, apesar de vários esforços de busca na Internet, em bibliotecas e em livrarias, não consegui localizar um conto de Medeiros e Albuquerque que corresponda, em conteúdo, a “The Vengeance of Felix”.

⁷ Goldberg não especifica no texto quais teriam sido esses contos. Entretanto, pudemos apurar, com base em um estudo de Luana Freitas e Cynthia Costa, que foram todos os da antologia de 1922, menos “Aunt Zezé’s Tears” e “The Fortune-Teller”. (FREITAS; COSTA, 2015, p. 72). Resta acrescentar que, na referida edição do *Stratford Journal* de 1917, juntamente com “The Attendant’s Confession”, estão “Felix Vengeance”, de Medeiros e Albuquerque e “Os Pombos” de Coelho Neto. Os três contos aparecem sob o subtítulo “South American Literature: Three Brazilian Tales, translated by Isaac Goldberg” (GOLDBERG, 1917, p. 3-31).

⁸ Todos os números do *Stratford Journal* foram digitalizados e disponibilizados no *website* Hathi Trust Digital Library, no endereço <https://catalog.hathitrust.org/Record/008920478>. Acesso feito em 30 jan. 2017.

Particularmente o jornal acolhe de preferência escritores novos. (GOLDBERG; SCHNITTKIND, 1920, p. 3, tradução minha).

Manifesta-se aí o grande entusiasmo de Goldberg pelas literaturas estrangeiras, entre elas a brasileira. Frederick Garcia, em seu artigo “Critic Turned Author”, enfatiza a necessidade de divulgar esse interesse de Goldberg pela letras brasileiras, interesse que, segundo o próprio autor, teria ficado em segundo plano pelo simples motivo de que menos pessoas nos Estados Unidos conhecem o português (principalmente em comparação com o espanhol) (GARCIA, 1972, p. 21).⁹ E, de fato, no número 5 do volume I do *The Stratford Journal*, datado de 1917, encontramos três dos contos publicados em *Brazilian Tales*: “The Attendant’s Confession”, “The Vengeance of Felix” e “The Pidgeons”. Os três contos são precedidos de uma introdução do próprio Goldberg, que apresenta os autores. Ao final, surpreendentemente, ele diz que traduziu “The Attendant’s Confession” diretamente do português e que esse conto foi publicado anteriormente no *Boston Evening Transcript*. Os outros dois ele declara ter traduzido a partir de “boas traduções francesas” já que não pôde encontrá-los no original (GOLDBERG, 1917, p. 5).¹⁰ Não há referências a permissões por parte dos autores. Apenas é mencionada a permissão do *Boston Evening Transcript* para a publicação do conto de Machado.

A título de curiosidade: outra tradução feita por Goldberg para o mesmo *The Stratford Journal*, publicada no número 4 do volume II, do original em iídiche do autor David Pinski, vem acompanhada da seguinte observação: “Tradução autorizada do iídiche feita por Isaac Goldberg” (PINSKI, 1918, p. 25). Analisando as traduções publicadas no *Stratford Journal*, observa-se, portanto, que todas as traduções trazem os nomes dos tradutores, mas algumas foram “autorizadas” e outras tantas não: no caso dos três contos brasileiros, só consta a informação de que foram traduzidos por Goldberg e que os três autores (Machado de Assis,

⁹ Garcia chega até a sugerir no artigo que Goldberg foi influenciado em sua produção autoral por Machado de Assis, tendo escrito um conto, “Ingratitude”, que guarda muitas semelhanças com a produção de Machado (GARCIA, 1972, p. 26).

¹⁰ Isso acaba puxando outro fio desse novelo intrigante: Como Goldberg traduzia de várias línguas e era entusiasta de literaturas estrangeiras, supõe-se, a princípio, que ele tenha feito todas as traduções. É isso, inclusive, o que está declarado na folha de rosto de *Brazilian Tales* (“Translated from the Portuguese with an Introduction by Isaac Goldberg”). Ao final da Introdução, ele apenas diz que alguns contos do volume já foram publicados anteriormente e agradece a permissão de republicá-los. É na publicação anterior (*The Stratford Journal*) que ficamos sabendo que ele *não* traduziu dois dos três contos de Machado diretamente do português, mas sim do francês. Os três contos de Machado que ali figuram [“The Attendant’s Confession”, “The Fortune-Teller” e “Life”] já haviam sido publicados em francês em 1910, no volume *Quelques Contes*, traduzido por Adrien Delpech (MACHADO DE ASSIS, 1910). Valeria a pena garimpar os outros contos e saber se eles foram traduzidos do francês ou do português.

Medeiros e Albuquerque e Coelho Neto são, respectivamente, fundador e membros da Academia Brasileira de Letras). A falta de regularidade quanto às informações referentes às traduções mostra que provavelmente no início do século XX não havia nos Estados Unidos muita consideração quanto aos direitos autorais de tradução. Nem na primeira antologia, nem no periódico onde os contos haviam sido anteriormente publicados, há informações sobre os autores (quando vivos) terem ou não autorizado a publicação da tradução.

Talvez os autores que ainda estavam vivos à época das publicações (Medeiros e Albuquerque e Coelho Neto) nem soubessem que estavam sendo publicados no exterior. O que se depreende dessa primeira antologia de prosa brasileira em inglês é que os direitos autorais não foram levados em conta para a sua publicação.

4.2 Um contraponto: Jackson e uma antologia do século XXI

A *Oxford Anthology of the Brazilian Prose*, organizada por Kenneth David Jackson e publicada em 2006, testemunha um momento diferente do mundo dos livros quanto aos direitos autorais. A coleção apresenta 72 textos e excertos de 36 autores que escreveram entre 1882 e 1996. Embora alguns dos textos já pudessem estar em domínio público, toda a antologia foi composta tendo o direito do autor e do tradutor no seu horizonte. Lendo o prefácio, obtemos a informação de que os textos já haviam sido publicados em inglês. De fato, o autor afirma que essa foi uma condição imposta pela Oxford University Press, que lhe encomendou a antologia (JACKSON, 2006, p. vii). No prefácio, Jackson comenta sobre a tarefa que teve de enfrentar: contatar autores, famílias de autores e agentes literários para obter as permissões de publicação. Antes, porém, foi necessária uma ampla pesquisa para localizar contos que tinham sido publicados, mas já não estavam mais em circulação (JACKSON, 2006, p. viii). Foi necessário também que Jackson contatasse os tradutores para obter deles a autorização. Ele afirma que acabou aprendendo mais sobre a lei de direitos autorais e sobre o intrincado mundo dos mercados e agentes do que jamais julgara necessário (JACKSON, 2006, p. viii). E, de fato, a não ser por poucas exceções, a maioria dos textos já havia sido publicada anteriormente. Essa estratégia eliminou, na realização da antologia, o custo potencialmente elevado das traduções e do pagamento de direitos a tradutores.

4.3 Domínio público, “segundo o interesse do autor” ou uma estratégia intermediária

Passaremos agora à análise de três antologias semelhantes que foram lançadas por iniciativa da Fundação Biblioteca Nacional. As três obras são de épocas diferentes, e em cada uma delas a FBN contou também com outros parceiros para a realização da obra, sendo esses parceiros agências governamentais ou não¹¹. O objetivo das três publicações é o mesmo: divulgar os autores brasileiros junto a editores no exterior, com ênfase na língua inglesa. Cada uma dessas publicações lidou com a questão dos direitos de autor e tradutor de uma forma diferente. A mais recente delas é a mais eficiente em termos de prestar informações direcionadas a editores internacionais, mas as três têm estruturas bem semelhantes.

A primeira dessas coleções, o *Guia conciso de autores brasileiros*, foi lançada em 2002 e organizada pelos professores Alberto Pucheu e Caio Meira. Segundo nos esclarece a apresentação assinada por Elmer Corrêa Barbosa, diretor do Departamento Nacional do Livro da FBN, os organizadores partiram de uma grande consulta pública sobre quais autores deveriam formar “uma biblioteca básica de literatura brasileira” (BARBOSA, 2002, p. 9). O livro traz 182 autores, e a cada um deles são dedicadas duas páginas. A publicação é bilíngue e todas as traduções foram feitas por Ernesto Lima Veras e Mariézer da Silveira e Sá. Deduz-se que o obstáculo do direito dos tradutores foi transposto quando os organizadores escolheram apenas dois profissionais para verterem todos os excertos para o inglês. Quanto aos direitos dos autores, no caso de as obras não estarem em domínio público, provavelmente as permissões foram negociadas uma a uma. Presume-se também que, não tendo a antologia fins estritamente comerciais e sendo mais um esforço de divulgação, é provável que os autores tenham cedido os direitos de publicação de seus excertos sem grandes dificuldades.

A segunda coleção, *Clássicos brasileiros* (2011), traz textos de 50 autores (de obras literárias ou não) que já estavam, na época da publicação, em domínio público. Nesse caso, não houve necessidade de negociar a permissão com os autores, restando apenas a contratação de tradutores. Mas examinando a ficha catalográfica de *Clássicos brasileiros*, temos a resposta quanto aos tradutores. Na verdade, *Clássicos brasileiros* está catalogado como uma “adaptação” do *Guia conciso*. Neste último, os nomes dos tradutores são apresentados, juntamente com uma minibiografia de cada um. Em *Clássicos brasileiros*, as mesmas traduções são republicadas sem que os tradutores sejam mencionados.

¹¹ Esses outros parceiros são a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, o Ministério das Relações Exteriores e o Instituto Itaú Cultural

A publicação mais recente, a coleção *Machado de Assis Magazine*, lançada a partir de 2012 e que foi planejada para ser um periódico trimestral, tem o mesmo objetivo de divulgar a literatura brasileira em países estrangeiros, por meio da publicação de excertos em inglês e espanhol e, ocasionalmente, em outras línguas também. No caso dessa publicação, a questão dos direitos de autor e tradutor é transferida para os autores e tradutores: o autor que estiver interessado em publicar seu texto na revista deve, ele mesmo, contratar um tradutor ou fazer a tradução por conta própria. Nos casos de autores “clássicos” (exceto no primeiro número em que a revista pediu a permissão dos tradutores para republicar suas traduções), provavelmente o interessado em divulgar o texto é o próprio tradutor. Foi uma forma interessante encontrada pelos parceiros do projeto (FBN, Instituto Itau Cultural, Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Cultura) para dividir com outros envolvidos a responsabilidade pelos direitos de autor e de tradutor. A coleção *Clássicos brasileiros* não mostra muito respeito ao profissional tradutor, mas a *Machado de Assis Magazine* demonstra mais profissionalismo com todos os envolvidos no processo de sua publicação.

5. Fechando a guirlanda: antologia, autoria, tradução e direitos autorais

Existe um elo entre a antologia de Meleagro, tantos séculos distante de nós, e o contexto das antologias discutidas aqui. Apesar de a *Guirlanda* não se constituir de obras traduzidas, e apesar de na época de Meleagro não haver ainda o conceito de autoria como o conhecemos hoje, Meleagro foi considerado autor de sua antologia, assim como o é até os dias de hoje. Se vivesse na nossa época, Meleagro teria direito a uma compensação material pelo trabalho que realizou (talvez uma quantia significativa em dracmas) à medida que ele fosse comercializado.

O que se pôde observar pelas várias obras antológicas apresentadas aqui é que a conquista e o reconhecimento dos direitos autorais, principalmente os do tradutor, são muito recentes, embora estejam avançando. Também o antologista é uma espécie de autor que deve ter seus direitos respeitados. Tal como um arranjador musical que confere características inovadoras e criativas a uma obra já existente, o antologista também dispõe as obras escolhidas artisticamente em sua guirlanda, produzindo uma obra criativa que é derivada, mas original.

Referências

AMARAL, F. V. **A guirlanda de sua Guirlanda**: Epigramas de Meleagro de Gadara. 2009. 243 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BOSTON EVENING TRANSCRIPT. In: **Wikipedia**, the free Encyclopedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Boston_Evening_Transcript. Acesso em: 20 fev. 2017.

BRAGANCA, A.; LAPA, I. (Ed.) **Clássicos brasileiros**: uma seleção de autores com obras em domínio público - Brazilian Classics: A Selection of Authors with Works in Public Domain. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; São Paulo: IMESP, 2011.

CUDDON, J. A. **The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory**. 3ed. London: Penguin Books, 1992. 1051 p.

FERREIRA-PINTO, C. **Urban Voices**: Contemporary Short Stories from Brazil. Maryland, USA: University Press of America, 1999.

ESTEVES, L. Antologias de literatura brasileira em inglês: agentes culturais, apoios institucionais, trocas literárias. In: MELLO, C. V. **Transnacionalidades**. Arte e cultura no Brasil Contemporâneo. Porto Alegre: Metamorfose, 2017.

FREITAS, L. F.; COSTA, C. B. Machado contista em antologias de língua inglesa. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 69-85, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n1p69>. Acesso em: 30 jun. 2017.

GARCIA, F. C. H. Critic Turned Author: Isaac Goldberg. **Luso-Brazilian Review**, Wisconsin, v. 9, n. 1, p. 21-27, 1972.

GOLDBERG, I. South American Literature: Three Brazilian Tales. **The Stratford Journal**, Boston, v. 1, n. 5, p. 3-5, set. 1917.

GOLDBERG, I. Some Preliminary Remarks In: GOLDBERG, I. (Ed.). **Brazilian Tales**. Boston: The Four Seasons Company, 1921.

GOLDBERG, I.; SCHNITTKIND, H. (Ed.). **The Stratford Journal**, Boston, v. 6, n. 1, jan./mar. 1920.

GURRIA-QUINTANA, A. (Ed.) **Other Carnivals**: New Stories from Brazil. East Anglia, UK: Full Circle, 2013. Published to celebrate the first FlipSide, a festival of Brazilian literature music and arts, in October 2013.

JACKSON, K. D. (Ed.). **Oxford Anthology of the Brazilian Short Story**. New York: Oxford University Press, 2006.

JESUS, C. A. M. de. Meleagro e a linguagem das flores: tradução comentada de AP 4.1. **Organon**. Porto Alegre, v. 31, n. 60, p. 171-186, jan./jun. 2016.

LEI 9610 de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm. Acesso em: 13 fev. 2017.

MACHADO DE ASSIS, J. M. **Quelques Contes**. Trad. Adrien Delpech. Paris: Garnier Frères, 1910.

MACHADO DE ASSIS MAGAZINE – Brazilian Literature in Translation. Website com todos os números da revista disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao/publicacoes/machado-assis-magazine-literatura-brasileira-traducao-6>. Acesso em: 21 fev. 2017.

PINSKI, D. M. Trad. Isaac Goldberg. **The Stratford Journal**, Stratford, v. 2, n. 4, p. 25-35, abr. 1918.

PUCHEU, A.; MEIRA, C. (Ed.). **Guia conciso de autores brasileiros - Brazilian Authors Concise Guide**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

SADLER, D. (Ed.). **One Hundred Years After Tomorrow – Brazilian Women’s Fiction in the 20th Century**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1992.

STEEN, E. V. (Ed.). **Love Stories**. Trad. Elizabeth Lowe. São Paulo: Indústrias de Papel Simão S. A., 1978.

Artigo recebido em: 01.03.2017

Artigo aprovado em: 05.04.2017